

MENOS PRECONCEITO É MAIS SAÚDE: conexão entre a ciência e o cotidiano.

Desejamos que este boletim seja o seu encontro bimestral com a Ciência, através da Divulgação Científica (DC) de temas de saúde da população LGBTQIAPN+. A DC visa popularizar o conhecimento científico, divulgando estudos e pesquisas para que os leitores possam conhecer e entender as implicações de seus resultados, tanto no contexto pessoal quanto no ambiente social.

Boa leitura a todos, todas e todes!



Caro leitor,

Vamos refletir sobre diversidade e ambiente de trabalho? Afinal, a saúde está estreitamente relacionada a outros aspectos da vida, como acesso à educação, renda, lazer e cultura, não é verdade? Já pensou que a inclusão da diversidade de gênero, etnia, faixas etárias e culturas pode promover um ambiente mais rico em opiniões e visões de mundo, além de garantir o direito de todos ao trabalho? Seu ambiente é inclusivo? Quantas pessoas negras você tem como colegas de trabalho? Tem algum colega autista? E pessoas da população LGBTQIAPN+? Neste número, vamos abordar alguns pontos para refletir sobre diversidade e mercado de trabalho. A fundadora da camaleão.co, startup focada em soluções de diversidade LGBTQIA+, Maira Reis, destaca: “A gente tem que desmistificar que estamos contratando LGBTQIAP+ por causa da diversidade. Você está contratando um talento, que também é LGBTQIAP+”. Bacana, não é?

VERBETE: LGBTQIAPN+

Lésbica - O termo "lésbica" é utilizado para designar mulheres que se identificam como mulheres e se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres. A palavra "lésbica" vem do latim "lesbius" e originalmente referia-se apenas aos habitantes da ilha de Lesbos, na Grécia. A ilha foi um importante centro cultural onde viveu a poetisa Safo, entre os séculos VI e VII a.C., muito admirada por seus poemas sobre amor e beleza, a maioria dirigidos às mulheres. Por essa razão, o relacionamento sexual entre mulheres passou a ser conhecido como lesbianidade ou safismo. Até o século XIX, a palavra "lésbica" não tinha o significado que hoje lhe é dado.

- **Curiosidade:** Durante a Segunda Guerra Mundial, houve um período em que as normas sociais se tornaram um pouco mais flexíveis nos países que enviaram seus exércitos para a guerra, devido à necessidade das mulheres trabalharem ou servirem ao exército na ausência dos homens. Isso proporcionou mais liberdade para as mulheres que não se conformavam com as normas de gênero em geral – frequentemente, lésbicas – viverem suas vidas. No entanto, após a guerra, a pressão social para que os países voltassem ao estado anterior, combinada com a pressão anticomunista, resultou em uma retomada do recuo da cultura LGBTQIAP+.

Lesbofobia - É toda violência motivada pela presunção ou evidência de uma identidade lésbica. Por algum tempo, "homofobia" era a única palavra conhecida pelo público em geral para descrever o preconceito e a violência dirigidos a pessoas que não se encaixavam nos moldes de comportamento heterossexual. No entanto, com o tempo, diferentes partes do movimento começaram a compreender que a violência direcionada a certos grupos tinha suas especificidades, tanto na forma como ocorre quanto na forma como é justificada. Esse movimento deu origem ao conceito de lesbofobia, reconhecendo que a violência contra mulheres lésbicas envolve tanto a homofobia quanto o machismo. Esse cruzamento também aborda o quanto as situações de violência são visíveis dependendo de quem é o alvo; casos de lesbofobia são muito menos frequentemente abordados na mídia, o que contribui para as particularidades dessa forma de violência serem pouco conhecidas. A análise das particularidades da lesbofobia permitiu que fenômenos como a violência sexual corretiva - uma forma específica de assédio praticado contra mulheres lésbicas com o objetivo de "convertê-las" à heterossexualidade - se tornasse de conhecimento comum.

VAMOS LER E REFLETIR

Na presente sessão, Lorena Fernandes, Pedagoga e Mestranda em Educação pela PUC MG, bolsista do projeto "Menos Preconceito é mais Saúde", apresenta um resumo de uma notícia divulgada pelo site Pacto Global. A pesquisa, intitulada "Censo de Inclusão Produtiva", será abordada.

Vamos falar sobre um censo inédito focado na inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho no Brasil. O Pacto Global da ONU – Rede Brasil, a Nhai (uma startup que promove diversidade) e a agência AlmapBBDO lançaram a primeira fase deste estudo. Ele inclui entrevistas detalhadas com oito especialistas que discutiram temas como saúde, educação, política, economia e direitos LGBTQIAPN+.

Os especialistas, como Neon Cunha, Reinaldo Bulgarelli, Maite Schneider, Pri Bertucci e Priscila Siqueira, apontaram os principais desafios que essa comunidade enfrenta para conseguir empregos ou abrir seus próprios negócios no Brasil. Raquel Virgínia da Nhai e Fernanda Tedde da AlmapBBDO apresentaram os resultados durante um evento do Pacto Global, que ocorreu junto à 68ª Sessão da ONU sobre a Situação das Mulheres.

Raquel Virgínia destacou a importância de entender esses desafios para criar políticas e ações específicas que ajudem a melhorar as oportunidades de carreira para pessoas LGBTQIAPN+. O censo também mostrou que há dificuldades em várias etapas, desde a busca por emprego até o desenvolvimento de uma carreira estável, e também explorou como o empreendedorismo pode ser uma alternativa para quem enfrenta dificuldades no mercado de trabalho formal.

O estudo revelou que mulheres enfrentam desafios semelhantes, independentemente de sua identidade de gênero, mostrando como essas questões são complexas e interligadas. Apesar dos obstáculos, os especialistas viram algumas melhorias graças ao ativismo e iniciativas que buscam integrar melhor a população LGBTQIAP+ na sociedade e nas empresas.

Na próxima fase do censo, será realizado um mapeamento nacional detalhado, incluindo entrevistas com pessoas LGBTQIAP+ de diferentes realidades sociais, étnicas e geográficas, com o objetivo de transformar os dados coletados em planos de ação práticos. Este estudo é um passo importante para entender e enfrentar os desafios de inclusão dessa comunidade no mercado de trabalho brasileiro.

ENTRE VIDAS, ENTRE VISTAS



Leia a entrevista realizada por Enrico Poletti, psicólogo, bolsista do projeto Menos Preconceito é Mais Saúde e estudante de Mestrado em Direito pela UFMG, realizou junto a Lara Silva, fundadora do bloco carnavalesco Truck do Desejo e ativista do movimento Lésbico.

E: Bom dia, Lara, é um prazer te ter aqui com a gente, você poderia se apresentar pra gente?

L: Me chamo Lara Sousa, tenho 38 anos, sapatona com alguns anos de carreira! Gosto de praticar esportes, principalmente a corrida, tenho a bicicleta como principal meio de transporte, sou vidrada em Engenheiros do Hawaii, Arnaldo Antunes e Ângela Ro Ro. Sou produtora cultural, militante política, desde 2018 atuando na organização, mobilização e comunicação de movimentos populares pelo direito à cidade e defesa dos direitos humanos. Estou ass. parlamentar da dep. fed. Ana Pimentel, membra da Comissão Municipal LGBTQIA+ de BH e sou fundadora do bloco carnavalesco Truck do Desejo.

E: Lara, no dia 19 de agosto se comemora o dia do Orgulho Lésbico, você poderia nos dizer um pouco sobre a relevância dessa data?

L: Pra mim, o recado mais importante do dia do orgulho é a preservação de nosso direito à memória e a inquietação que este fato pode provocar nas pessoas. As lésbicas que promoveram o levante no Ferro's Bar eram mulheres vivendo num país que ansiava pela democracia. As armas dessa luta eram um vasto espectro de produções culturais, debates políticos, mas, pra essas mulheres, era necessário também posicionar sobre a sexualidade, reivindicando a liberdade e o direito de poder ser o que se é. Então penso que 19 de agosto também realça a força revolucionária que um movimento organizado carrega consigo.

E: O momento atual, quais são as principais demandas da população lésbica? Essas demandas vem sendo ouvidas pelo poder público e pela sociedade civil?

L: Num mundo capitalista e patriarcal as lutas das lésbicas e das mulheres são históricas. Há avanços na conquista de direitos da população LGBTQIA+ porém andamos numa corda-bamba na qual a malha de segurança é tramada por violência, discriminação, preconceitos na maior parte das vezes, refletindo a LGBTfobia estrutural. Penso, assim, que nosso desafio maior continua sendo o combate às várias formas de violência e opressão entranhados na sociedade e, inevitavelmente, nas instituições. Lésbicas são mulheres cidadãs comuns que desejam uma vida digna com acessos e oportunidades.

E: Nesse dia do orgulho, quais produções culturais e artísticas lésbicas deveriam ser mais conhecidas?

L: Pra começar, acho que toda sapatona deveria conhecer um pouquinho que fosse sobre o boletim Chanacomchana, por sua relevância na motivação do levante no Ferro's Bar e sobre Angela Ro Ro, pois não há artista brasileira vítima e sobrevivente de lesbofobia há tantas décadas. Não posso deixar de mencionar o bloco carnavalesco Truck do Desejo que, mesmo sendo um coletivo LBPTNB, tem bastante pujança da "força da mulher sapatona", a Caminhada das Lésbicas de BH que anualmente se organiza para marchar no agosto lésbico e as Fanchecléticas, um coletivo multiartístico que realiza atividades de temática LGBTQIAN+.



FIQUE POR DENTRO

Lembrando que dia **19 de agosto é o Dia do Orgulho Lésbico**, e é claro que isso significa um mês de eventos em homenagem à tradição de luta dessas mulheres. Como de costume, as comemorações do agosto lésbico culminam na “Caminhada Lésbica de Belo Horizonte”, que este ano celebra sua 20ª edição! Este evento de extrema importância para a promoção da visibilidade da causa lésbica toma as ruas da cidade no final de agosto, colorindo o centro de Belo Horizonte de roxo e preto.



XVII Caminhadas das Lésbicas e Bissexuais em ato contra Bolsonaro (foto: Fabíola Ladeira)

ACONTECEU? A GENTE COMENTA!

Dia da Visibilidade Não-Binária - 14 de julho é o Dia Internacional das Pessoas Não-Binárias. A data é celebrada desde 2012 e foi escolhida por estar precisamente entre o Dia Internacional da Mulher (8 de março) e o Dia Internacional do Homem (19 de novembro). O objetivo é conscientizar e organizar as questões enfrentadas por indivíduos não binários em todo o mundo. Confira a nota do CRP-MG sobre o tema, publicada no [site](#) da autarquia.

Neste ano em Belo Horizonte o Coletivo Não-Binária de Minas Gerais organizou a 1^a Caminhada da Visibilidade Não-binária da Grande BH. As lideranças do movimento tomaram as ruas clamando por visibilidade, retificação de nome e gênero e demandas por inclusividade no acesso aos serviços de saúde.



Foto da 1^a caminhada da visibilidade não binária da grande BH (foto por Luknhadiniz)

Ficha Técnica:

Produção de conteúdo e redação: Enrico Martins Poletti Jorge (Bolsista Fapemig), Lorena Vieira Fernandes (Bolsista Fapemig) e Maria José Nogueira (ESP/MG).
Revisão: Lorena Vieira Fernandes (Bolsista Fapemig).

Realização



Parceria



Apoio

